

Coleção **L&PM** POCKET, vol. 884

Texto de acordo com a nova ortografia.
Título original: *Walden*

Primeira edição na Coleção **L&PM** POCKET: novembro de 2010

Tradução: Denise Bottmann

Apresentação: Eduardo Bueno

Capa: Ivan Pinheiro Machado. *Foto:* Lago Walden © Don Johnston/All Canada Photos/Corbis (DC)/Latinstock

Revisão: Bianca Pasqualini e Lia Cremonese

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

T411w

Thoreau, Henry David, 1817-1862

Walden / Henry D. Thoreau; tradução Denise Bottmann. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2010.

336p. – (Coleção L&PM POCKET; v. 884)

Tradução de: *Walden*

Apêndice

ISBN 978-85-254-2060-2

1. Thoreau, Henry David, 1817-1862 - Residências e lugares habituais - Estados Unidos - Walden Woods. 2. Walden Woods (Massachusetts, Estados Unidos) - Usos e costumes. 3. História natural - Walden Woods (Massachusetts, Estados Unidos). 4. Áreas silvestres - Walden Woods (Massachusetts, Estados Unidos). 5. Resistência ao governo. 6. Escritores americanos - Biografia. I. Bottmann, Denise. II. Título. III. Série.

10-4859.

CDD: 818

CDU: 821.111(73)-8

© da tradução, L&PM Editores, 2010

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221.5380

PEDIDOS & DEPTO. COMERCIAL: vendas@lpm.com.br

FALE CONOSCO: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br

Impresso na Gráfica e Editora Pallotti em Santa Maria, RS, Brasil
Primavera de 2010

O HOMEM DA CASA DO LAGO

Eduardo Bueno*

Henry David Thoreau foi uma nuvem de calças.

Nascido em Concord, Massachusetts, na costa leste dos Estados Unidos, em julho de 1817, pairou acima e ao largo de seus compatriotas e contemporâneos. Lançou-se a tais altitudes – e em eventuais platitudes – disposto não apenas a ver o mundo de cima mas a experimentar um universo próprio e idiossincrático. Muitas vezes assomou-se leve, habilitado a flutuar em céu azul, como se parte da paisagem que tanto amou. Noutras, revelou-se capaz de projetar sombras, quando não raios e trovões, vertendo aguaceiros incômodos sobre sua vila e seu país. Tratou de despejá-los na forma de discurso torrencial: uma prosa caudalosa que – caso tivesse sido realmente lida – haveria de ter o efeito de uma enchente na planície onde labutavam “em calado desespero” os homens de sua região e sua época.

Thoreau foi único, solitário e inimitável.

Mas Henry David Thoreau foi também um chato de galochas – até porque de fato as calçava. Não era perfeito, e muito menos aperfeiçoável. Misanthropo, misógino, radical e irreduzível, parecia cultivar a inconveniência como virtude. Mais do que mero exercício de retórica, afrontar o senso comum sempre lhe pareceu emérita prática cotidiana. Thoreau manteve o dedo em riste – acusatório e descortês. E tratou de metê-lo nas feridas vivas de uma nação que ainda não havia forjado plenamente a própria identidade. Identidade que, embora por vias transversas, Thoreau ajudaria a construir. Thoreau foi desprezado e ofendido, mas isso não lhe doeu

* Jornalista, tradutor e escritor, autor de *Brasil: Terra à vista!* (L&PM, 2000) e da coleção “Terra Brasilis”, que inclui *A viagem do descobrimento* (Objetiva, 1998) e *Náufragos, traficantes e degredados* (Objetiva, 1998), entre outros.

tanto quanto nas ocasiões – aliás, mais frequentes – em que pregou ao deserto.

Thoreau era um caminhante, mas nunca foi pedestre.

Para Thoreau estava tudo na cara. E Thoreau foi um cara de pau. Seu semblante despertou surpresa e susto naqueles que o contemplaram. Com feições como que talhadas a machado no cerne de madeira nobre e dura, Thoreau tinha, muito apropriadamente, a face de um fauno. O nariz adunco, os olhos miúdos, o cenho franzido, os lábios finos como navalha emolduravam as maçãs salientes de um rosto que fazia lembrar o de um totem indígena. Thoreau era uma esfinge – e, por não saberem decifrá-lo, alguns homens de seu tempo quiseram devorá-lo. Mas Thoreau era osso duro de roer.

Nem todo mundo ia com a cara de Thoreau. Para o grande Robert Louis Stevenson, por exemplo, sua “face aguda, penetrante e com um narigão emitia certos sinais das limitações de sua mente e de seu caráter”. Até entre os que nutriam simpatia por ele, como Nathaniel Hawthorne, o rosto e as maneiras de Thoreau provocavam estranhamento. Conforme o autor de *A letra escarlate*, Thoreau era “feio como o pecado, com o nariz comprido, a boca transversal e os modos desajeitados, quase rústicos, apesar de corteses”.

Com o passar dos anos a fachada de Thoreau foi se transfigurando e, como o próprio estado de espírito, parece ter se suavizado. Uma foto clássica, tomada em 1861, um ano antes de sua morte, aos 44 anos, exhibe olhos translúcidos, quase aquosos, adornados por sobrancelhas grossas e arqueadas, em harmonia com a testa larga e a basta barba de profeta. Um seu discípulo, Daniel Ricketson, recordou “a gentileza, humanidade e sabedoria” estampada naqueles “olhos azuis profundos”, e, embora o admirador não tenha mencionado a evidente melancolia expressa no retrato, não se pode dizer que exagerasse.

A voz de Thoreau também causou comoção. Não apenas o que ele dizia, mas os sons que emitia ecoavam tonitruantes, quase estrondosos, nos ouvidos e nas mentes de seus interlocutores, mesmo depois que a tuberculose se instalou para lhe

corroer os pulmões. Testemunhos presenciais o atestam: “Suas palavras soavam tão distintas e verdadeiras ao ouvido quanto as de um emérito cantor”, anotou o pastor Robert Collyer. “Ele hesitava por breves instantes à espera da palavra exata, ou então aguardava com paciência comovedora até vencer seu problema pulmonar, mas, quando enfim proferia a sentença, ela ressoava perfeita e concêntrica.”

Para que sua voz literária também se projetasse, Thoreau precisou de doses ainda maiores de paciência. Mas enfim encontrou a modulação correta ao publicar *Walden, ou A vida nos bosques*, clássico que o leitor ora tem em mãos. Como em suas conversações recheadas de reticências, o tom autoral não lhe surgiu espontaneamente, senão que após muito esforço e alguns alarmes falsos. Ainda assim, sua linguagem nunca primou pelo requinte literário nem pela clareza de estilo. *Walden* é um livro anguloso e em várias passagens prolixo. Repleto de citações e aforismos, remete a gregos e latinos e vai referindo contistas chineses ou poetas persas um tanto obscuros, em meio a frequentes recaídas paroquiais e rasgos doutrinários.

Thoreau era, com efeito, um pregador, propondo a religião de um homem só, soando como o arauto do individualismo intransigente e da liberdade pessoal quase refratária. E se era um tribuno, fez de sua cabana em Walden a tribuna de onde, em certos momentos, parece insinuar que estava apto e era impoluto, austero e estoico o bastante para julgar o resto da humanidade.

E, no entanto, tal é a sinceridade da voz que ressoa nestas páginas, tal sua singularidade e pureza virtualmente virginal que, com o passar dos anos, Thoreau acabou se impondo no panteão dos heróis rebeldes, dos desbravadores da mente, dos anunciadores de um novo tempo – tempo que, se não se concretizou, não foi capaz de fazer com que o discurso de Thoreau perdesse (pelo contrário, só reforçou) sua disposição utópica e indômita.

Thoreau não era uma ilha – nenhum homem é, já houve quem tenha dito. Apesar da aura de ermitão que viria a adquirir,

Thoreau foi mais gregário do que a sua obra deixa transparecer. Um dos capítulos de *Walden*, muito apropriadamente chamado “Visitas”, já revela que ele não viveu em completo isolamento, como, em alguns momentos, dá a entender. Mas Thoreau nunca foi companhia exatamente agradável, e sua teimosia só era compreendida e aceita por aqueles que, como o mentor e padrinho literário Ralph Waldo Emerson, desde o início a perceberam em toda a sua ousada pretensão.

Thoreau era um bicho do mato. O historiador James Kendall Hosmer o descreveu “parado no umbral de sua casa, com o cabelo desgrenhado como se estivesse adornado com pinhas e musgos, e as roupas puídas e em desalinho exibindo os traços de suas andanças pelas matas e pântanos”. Thoreau se sentia deslocado na cidade (embora sua Concord natal tivesse pouco mais de dois mil habitantes), na universidade (apesar de ter se formado em Harvard), nos saraus, na paróquia. Isolado em sua cabana de Walden, subverteu até o dito americano segundo o qual “*three is a crowd*” (“três é uma multidão”): para ele, um era bom, dois já era demais...

Thoreau talvez sonhasse ser o nobre selvagem. Ele “nunca se formou em nenhuma profissão”, relatou Emerson. “(...) nunca se casou; vivia sozinho; nunca ia à igreja; nunca votou; recusou-se a pagar um imposto ao Estado; não comia carne, não tomava vinho, nunca usou tabaco; embora estudasse a Natureza, não utilizava armas nem armadilhas. Quando lhe perguntavam à mesa qual prato preferia, ele respondia: ‘O que estiver mais perto.’” Tais e tantas “superioridades negativas” levaram Stevenson a concluir que Thoreau “se apresentava tão distante da humanidade que é difícil saber se devemos chamá-lo de semideus ou de semi-homem”.

Thoreau era o peixe fora d’água que, às margens do lago Walden, submeteu-se a uma metamorfose. Só que, em vez de virar barata, um belo dia acordou transformado em pato – ou em algo semelhante, já que sua ave favorita, a mobilha, de fato se parece com um. Dona de uma “risada demoníaca (...) talvez o som mais selvagem jamais ouvido por aqui”, aquela ave solitária o atraía, e ele se identificava com ela.

No outono, estação predileta do autor, o animal aparecia para “trocar as penas e se banhar no lago”. Ao descrever tal período, Thoreau reflete: “Nossa estação de muda, como a das aves, deve ser um momento de crise em nossa vida. A mobilha, durante a muda, se retira para um lago solitário. Assim também a cobra solta sua casca e a lagarta, seu casulo (...)”.

Embora Thoreau tenha se recolhido à floresta disposto a se libertar da “epiderme ou falsa pele, que não faz parte de nossa vida”, não se pode deixar de notar que, em inglês, a ave se denomina *loon* – e *loon* também significa “maluco” ou, mais propriamente, “lunático”. Thoreau, num rasgo insuspeito de humor, parece, assim, inclinado a debochar de si mesmo e ironizar seus detratores – se não a escarnecer dos futuros seguidores de seu evangelho peculiar.

É como se ele adivinhasse que, um século e meio mais tarde, *Walden* iria se transformar de tal forma na bíblia do movimento preservacionista – bem como no manual da desobediência civil e no livro de cabeceira dos rebeldes cheios de causas – que, conforme observou John Updike, a obra “corre o risco de se tornar tão citada e tão pouco compreendida quanto a própria Bíblia”.

Com efeito, em tempos de discurso ecológico lustroso mas vazio – de supostas preocupações com “desenvolvimento sustentável” anunciadas por conglomerados que, enquanto puderam, destruíram tudo a seu redor; de comerciais de veículos “ecológicos” 4 x 4 patrolando dunas e riachos; de aventuras na natureza programadas para executivos estressados em busca de um novo “modelo de gestão”, de ecovilas, eco sports e eco resorts; em tempos de roupas esportivas trajadas por turistas, mesmo que estejam apenas subindo a torre Eiffel de elevador ou voando em jatinhos para alguma ruína maia –, Thoreau haveria de odiar, e trataria de afrontar, a maioria dos que se dizem seus admiradores.

Thoreau era sua própria bússola – e jamais perdeu o norte. Mesmo após a morte, parece manter não apenas o rumo, mas o controle sobre seu legado. Isso porque a voz que ele fez soar em *Walden* não foi abafada pela cacofonia publicitária das palavras ocas.

Foi no dia 4 de julho de 1845 que Henry David Thoreau caminhou pelas ruas de sua pequena Concord e seguiu em direção ao oeste, rumo ao lago Walden, onde construíra, com as próprias mãos e em terreno que pertencia a Emerson, a diminuta cabana de seis metros quadrados. Por todos os Estados Unidos celebrava-se o dia em que o país tinha se libertado da Inglaterra. Não há de ter sido à toa que Thoreau elegeu a data para a mudança: ele estava declarando a própria independência. Tinha 28 anos e, embora houvesse estudado em Harvard, não tinha ocupação fixa: fazia apenas bicos e lápis na pequena fábrica da família. O que ele buscava, o dinheiro e os ofícios não podiam comprar. Àqueles que espalhavam que ele não tinha profissão nem trabalho, Thoreau dizia ser “supervisor das tempestades”, das “trilhas nas florestas” e pastor de “animais desgarrados”.

Thoreau não era um João-ninguém. Mas era quase. Não por ser um despossuído, mas porque, apesar de contemporâneo e quase vizinho de Herman Melville, Nathaniel Hawthorne, Walt Whitman, Edgar Allan Poe, Henry Longfellow e Emily Dickinson, só lhe foi dado compartilhar com eles a mesma época, a mesma região do país e a mesma labuta de escritor. Afinal, embora viesse a tomar parte no movimento batizado de Transcendentalismo – também chamado, e talvez mais apropriadamente, de “Renascimento Americano” –, Thoreau nunca foi de “frequentar” e, com exceção de Emerson e do poeta (e seu futuro biógrafo) W. Ellery Channing, nenhum dos citados o levava a sério.

Pelo menos não até que *Walden* fosse descoberto.

Ao colocar em *Walden* o subtítulo quase romântico de *A vida nos bosques*, Thoreau parece convidar o leitor para o mergulho em uma aventura. Como se o livro fosse uma espécie de *Robinson Crusoe* passado não numa ilha, mas num lago de degelo. Mas quem apanha a obra em busca de ação e fábula depara com uma série de sermões, quando não com uma espécie de dissertação de mestrado imersa em moralismo. E, no entanto, para além da retórica ríspida e da acidez

monocromática de uma prosa eventualmente empolada, o lado “aventuresco” de *Walden* também se impõe. Mas, muito mais do que isso, o livro é um guia para uma viagem interior. Porque, mesmo quando imerge em alegorias e parábolas, Thoreau se mantém firme, vigoroso e evocativo, impondo seu discurso lúcido, acurado e tantas vezes profético.

Thoreau foi uma espécie de Júlio Verne que, em vez de descrever as maravilhas do futuro, anteviu os desastrosos de um modelo desenvolvimentista que nunca quis levar em conta a preservação da natureza. Previu o advento de um consumismo viciante e vicioso; viu os tempos em que a privacidade deixaria de ser um recurso natural renovável para se tornar bem descartável; ouviu os gritos surdos da maioria silenciosa. E preferiu se retirar para trocar as penas.

Junto aos patos; longe dos lunáticos.

Mesmo assim, e com todo seu apreço pela solidão, Henry David Thoreau continua, 150 anos depois, nos convidando para nos unirmos a ele na minúscula cabana às margens de *Walden*.

Para fazê-lo, basta mergulhar nas páginas que se seguem.

*Porto Alegre
Inverno de 2010*